

# **AQUISIÇÃO LINGUAGEM DA ESCRITA: COMO OCORRE ESSE PROCESSO EM CRIANÇAS DAS SÉRIES INICIAIS DE ENSINO**

Thayane Nascimento Freitas – Graduanda em Pedagogia/UFPI  
Maria da Conceição Costa Soares - Graduanda em Pedagogia/UFPI  
Maria Renata Carvalho Silva – Graduanda em Pedagogia/UFPI  
Dannytza Serra Gomes – Professora Assistente I - DMTE/UFPI

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado de uma investigação realizada com crianças de faixa etária entre 6 e 8 anos de diferentes classes sociais, de escola pública e privada, com a finalidade de perceber o processo de aquisição da escrita dessas crianças. O papel do professor é fundamental para que esse processo se estabeleça e se desenvolva de forma satisfatória. Buscamos com base teórica estudos de Ferreiro e Teberosky (1985) e Lúria (1986). Utilizamos testes adaptados de Ferreiro e Teberosky (1985), para realizar a pesquisa na cidade de Teresina- PI. Os resultados indicaram que embora as crianças não possuam conhecimento da funcionalidade da escrita na linguística, sendo percebida apenas como objeto absoluto, para elas essa habilidade tem uma função em si mesma, a de representar sua maneira de expressão. Além disso, observamos que as diferenças sociais podem interferir nos resultados almejados pelas crianças, pelos professores e pelas escolas.

**PALAVRAS CHAVE:** aquisição, criança, escrita, linguagem.

## **INTRODUÇÃO**

Tem-se observado que tentar compreender o processo de alfabetização pelo qual passam as crianças durante as primeiras séries do Ensino Fundamental e dar sentido ao ensino da escrita nem sempre são tarefas fáceis. Alfabetizadores frequentemente entram em conflito na busca por metodologias que contribuam para a aprendizagem dos alunos. A escrita não é um produto escolar, nem deve ser visto como tal, pois está em um nível bem superior e pode ser entendida como um objeto cultural surgido da necessidade humana de registrar as suas descobertas.

O processo de aquisição da escrita consiste em algo bem distinto do processo de aquisição da fala. Se, para o falante nativo, o desenvolvimento da fala ocorre de forma natural, não podemos dizer o mesmo em relação à escrita, uma vez que esta exige um grande esforço cognitivo da criança, para que ela possa desenvolver e adquiri-la. Pois bem a escrita é mais complexa do que a fala, pois na primeira as crianças passam por etapas de construção da escrita, enquanto a segunda dá-se, muitas vezes, através de estímulos sinápticos.

Para pensarmos em realizar a presente pesquisa tencionamos utilizar os estudos realizados por Emilia Ferreiro (1985), que pesquisou sobre a psicogênese dos sistemas de interpretação criada pelas crianças para assimilar e compreender a representação alfabética da língua, e Alexander Luria (1988), que defende que a criança dispõe de uma considerável noção de representação do mundo que a circunda. Para demonstrar os seus estudos, Luria, diferentemente de Ferreiro, leva em consideração não somente a competência de leitura, pois para analisar a produção escrita da criança, é necessário que se incluam nos processos, as intenções e os comentários externos, o contexto de desenvolvimento de todo o processo.

Contrariamente, Ferreiro tenta, ao máximo, explicar em seus estudos que o ambiente externo não vai exercer quase nenhuma influência no processo que as crianças serão submetidas a passar, porém ao tomar essa atitude ela acaba entrando em contradição, pois é fato comprovado que o meio influencia e a autora sabe disso. Essa posição tomada por Ferreiro entra discordância com a tomada por Luria.

O intrigante da presente pesquisa está no fato de tentarmos apresentar o processo de aquisição da escrita com base em duas teorias psicogenéticas que, de certo modo, são contrárias, pois enquanto Ferreiro esboçou sua teoria com base na tendência hiperconstrutivista de Jean Piaget (1971), Luria desenvolveu suas propostas teóricas com base nas concepções interacionistas de Vygotsky (1985). Porém o que realmente vai nos interessar é explicar o desenvolvimento do processo de aquisição na criança.

Ainda que tais teorias sejam vistas como opostas, optamos realizar esta pesquisa utilizando os níveis do processo de aquisição da escrita proposto por Ferreiro, porém inferindo a ideia de que a interação e o meio social e cultural influenciam no processo de aquisição da escrita explicada por Luria, assim como a visão que o autor possui sobre o processo que a criança vivencia até chegar ao último estágio da escrita.

Diante da ideia suscitada, tencionamos observar e analisar a experiência vivida por crianças em processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em sua modalidade escrita, numa faixa etária de seis a oito anos e em duas escolas, uma da rede particular e outra da rede pública de ensino. Será observada também a presença ou não do que é mais contrastante nas duas teorias supracitadas, tendo em vista a questão interacionista.

Não obstante, buscaremos estratégias que ampliem o repertório do professor e o auxiliem em sua metodologia com crianças em séries iniciais.

A relevância social do problema a ser investigado se apresenta pelo baixo índice de desenvolvimento dos alunos já nas séries do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio. A proposta é que se busque perceber como de fato esse processo ocorrendo seu início para se pensar em uma solução para os problemas encontrados no futuro. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é oferecer uma contribuição a esse debate, a fim de proporcionar discussões que levem em conta a relação entre aquisição, desenvolvimento e processamento da linguagem, bem como seus aspectos cognitivos. Esses elementos podem compor uma perspectiva sociocognitiva das ações humanas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O processo de aquisição da escrita em crianças vem despertando interesse por parte de muitos estudiosos, destacando-se nesta área trabalhos como os de Emilia Ferreiro (1985) e Alexander Luria (1988) motivados, principalmente, em identificar os modos de organização relativamente estáveis que podem caracterizar os níveis de construção do conhecimento.

Ferreiro (1985) procurando investigar que classe de objeto do conhecimento pode ser a escrita para o sujeito em desenvolvimento, se depara com alguns problemas cognitivos que atrapalham e, às vezes, rompem com o desempenho da escrita na criança. A base para seus estudos está na teoria de Jean Piaget (1971) que tenta explicar todo o processo de desenvolvimento dando ênfase no papel estruturante do sujeito. Experiências físicas e transmissões sociais são fatores que se desenvolvem na teoria de Piaget, e não são tão enfatizadas por Vygotsky (1985) e Luria (1988).

Nos estudos de Ferreiro, nota-se que há uma preocupação em descobrir como se dá o desenvolvimento do processo de aquisição da escrita que, para a autora, ocorre em cinco níveis, mas sem levar em conta o meio social e cultural de cada criança.

Já nos estudos feitos por Luria (1988), observa-se que a escrita, em contraste com certo número de outras funções psicológicas, pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, por mediação. Em outras palavras, a condição fundamental exigida para que a criança seja capaz de tomar nota de alguma noção, conceito ou frase é um estímulo e este, em si mesmo, nada tem que ver com a ideia, conceito ou frase, mas ele leva a criança a recordar a ideia que foi pedida. Seria, portanto, um apoio que a

criança constrói para que ela mesma possa realizar novas construções, uma espécie de signo auxiliar.

De acordo com a pesquisa realizada por Ferreiro (1985), o processo de aquisição da escrita delinea-se em cinco níveis. No primeiro nível, o desenho e a escrita aparecem como dois modos de representação gráfica, no entanto, ainda sem distinção para as crianças, chamada pela autora de escrita unigráfica. No segundo, a criança percebe as variações qualitativas e quantitativas na escrita, e é nesse nível que a criança começa aos poucos a fazer uma relação entre som e escrita, pois é só no próximo nível que ela terá uma melhor percepção dessa relação. No terceiro nível, a criança já é capaz de distinguir de maneira segura a correlação som/escrita, é então que ocorre uma tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nessa tentativa a criança passa por um período muito importante, pois cada letra agora será equivalente a uma sílaba, nível denominado de Hipótese Silábica (doravante HS). No quarto nível proposto por Ferreiro, ocorre a passagem da HS para a alfabética, este nível é um momento precioso e muito difícil para a criança, uma vez que ela elaborou duas idéias muito importantes e insiste em não abandoná-las. Pois a criança ainda acredita numa certa quantidade de letras para que algo possa ser lido e que cada letra representa uma das sílabas que compõem o nome. Por fim, no quinto nível, temos a escrita alfabética que constitui o final desse processo evolutivo, nesse momento a criança supera todos os obstáculos da escrita e se depara com os problemas de ortografia, porém sem apresentar maiores problema com a escrita em si.

A partir de ambas as teorias, principalmente a defendida por Luria, podemos observar que o sistema de escrita, como um objeto socialmente elaborado, é um objeto de conhecimento para a criança, que ela irá usar para expressar seus desejos, dúvidas e sensações.

### **3. METODOLOGIA**

Com o intuito de alcançar nosso objetivo nessa pesquisa que é observar e analisar a experiência vivida por crianças em processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em sua modalidade escrita, optamos por realizá-la através de caráter investigativo, assim, foi preciso delimitar tanto as escolas onde ocorreram a coleta dos dados, como os sujeitos selecionados para participar a pesquisa. O projeto desta

pesquisa foi planejado de acordo com o tempo do pesquisador e a disponibilidade das crianças, bem como dos educadores responsáveis pelas turmas selecionadas. O estudo foi composto por duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, uma pertencendo a uma escola da rede particular e outra pertencendo a uma escola da rede pública, ambas localizadas na cidade de Teresina-Pi. Os alunos selecionados a participar do estudo estão na faixa etária de 6, 7 e 8 anos, pois nos interessa acompanhar o desenvolvimento da escrita durante um período que não ultrapasse, em hipótese alguma, um ano. Ao todo foram 13 alunos da escola particular e 18 da escola pública. Esses alunos, ainda, foram classificados, de acordo com um questionário respondido no início da pesquisa, em alunos de classe média e alunos de classe baixa. Buscamos com isso confirmar ou não, os dados sugeridos por Ferreiro (1985) em sua pesquisa.

Como nosso principal objetivo é explicar o desenvolvimento do processo de aquisição da escrita em crianças com idade entre 6 a 8 anos, percebendo a presença ou não do que é mais contrastante nas duas teorias apresentadas na seção anterior, e descobrir como e se as crianças dão conta da função da escrita em suas vidas, nossa pesquisa foi realizada de maneira que não houvesse influência nem do pesquisador nem de qualquer outro tipo de adulto, a fim de que pudéssemos perceber o processo de aquisição que as crianças estão passando, tentando perceber os níveis dos quais explica Ferreiro (1985) e o fato das diferentes classes no que diz respeito ao convívio, interação social se acaba influenciando ou não no processo como é exposto por Luria (1988).

Os procedimentos de coleta de dados para esta pesquisa foram definidos de acordo com os horários estabelecidos pela escola e, também respeitando os horários das crianças envolvidas com a pesquisa. De início foi solicitado as crianças que escrevessem três palavras simples que pertencessem a um mesmo campo semântico, como “bola, boneca, dado”. Em seguida, as crianças escreveriam uma frase simples<sup>1</sup> utilizando pelo menos uma das palavras escritas anteriormente, como: “Minha boneca caiu”. Depois de terminada essa etapa, o material adquirido foi analisado e os resultados serão expostos a seguir.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa não trabalhamos com a escrita do nome próprio.

Analisando o material percebemos que, na perspectiva de Ferreiro (1985) o processo de aquisição da escrita por crianças em processo de alfabetização, para essas crianças o ato de escrever está ligado a sua experiência de mundo. E também seguindo a teoria de Luria (1988), que fala sobre o traço distintivo que se apresenta com as classes sociais, foi observado que algumas crianças da classe baixa tendem a apresentar figuras como forma de representar as palavras ditadas.

As diferenças começam a aparecer quando confrontamos os dados da escola pública com os da escola privada. No primeiro momento fomos conhecer as salas de aula das diferentes escolas. Pudemos perceber a organização da sala de aula na escola particular, o engajamento da professora e o espaço físico bem adaptado. Na escola pública a sala também era organizada, mas a nossa presença deixou a professora levemente desconfortável.

Ao analisar o material da escola particular o que nos chamou mais atenção foi o fato de que mesmo escrevendo solto, ou seja, não organizando as ideias no papel, as crianças entenderam o que lhe foi perguntado, escrevendo todas as palavras sem pedir ajuda de ninguém. Também não fizeram uso de figuras para representar as palavras que lhes foram ditas, o que nos mostra que seguindo o esquema de Ferreiro sobre os níveis de escrita, essas crianças não estão mais no nível I, o pré-silábico<sup>2</sup>. Dessa forma, podemos até arriscar a dizer que algumas das crianças estão em transição dos níveis silábico-alfabético e alfabético. Vale ressaltar que três crianças não aceitaram participar da atividade de escrita.

Diferentes resultados foram encontrados na escola pública. Não percebemos resistência das crianças e todas participaram da pesquisa. No entanto, doze crianças apresentaram, no começo, um pouco de indisposição e timidez para escrever, porém depois escreveram tudo que foi pedido. Quatro das crianças utilizaram desenhos, letras e números misturados. Duas crianças usaram desenhos e, não, letras para responder o que foi solicitado. Isso pode ser explicado, com base no que Ferreiro e Teberosky (1985) apresenta sobre os níveis do processo de aquisição, como já foi mostrado anteriormente. O que se percebe é que uma parte das crianças está no segundo nível de aquisição da escrita, pois já tenta estabelecer a relação da escrita com pronúncia. Porém, a outra parte

<sup>2</sup> A saber, Nível I Pré-silábico, Nível II Silábico, Nível III Silábico-alfabético, Nível IV Alfabético (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985).

ainda não entrou neste nível, apesar de fazer as deduções, pois ainda apresentou marcas pictográficas em seus traços. Não é interesse deste trabalho, porém, expor ou julgar a escola pública ou privada. Infelizmente os dados obtidos apontam para uma maior fragilidade na escola pública, para o que podemos elencar uma série de fatores determinantes, como: a desmotivação do professor, a falta de estrutura da própria escola, o desinteresse por parte de alguns alunos, a falta de diálogo entre escola e família, entre outros. Da mesma forma que esses problemas existem na escola pública, eles também existem na escola particular, mas as soluções buscadas e encontradas é que faz a diferença entre os resultados por nós observados.

É válido deixar claro que observamos apenas duas escolas e não podemos apontar nossos sucintos resultados como resultados que generalizem a pesquisa em si. Nosso intuito foi aplicar em escolas de Teresina – PI um teste adaptado ao que Ferreiro (1985) aplicou em escolas argentinas. Em nenhum momento esperávamos resultados exatos, até porque isso desqualificaria a pesquisa em si.

## **5. CONCLUSÃO**

Essa pesquisa nos permitiu observar uma parte do processo de alfabetização de algumas crianças e resultou num leque de informações, no que diz respeito, a essa fase de consideráveis variações na história de vida que esses indivíduos adquirem ao longo de suas experiências. Pudemos perceber que de fato as questões sociais ainda interferem nos resultados escolares. Não falamos aqui somente do nível financeiro, mas também de questões ligadas à família e as relações entre as crianças e seus pares, em casa ou na escola. Infelizmente, as crianças não estão isentas de sofrerem com as questões sociais que permeiam a família, separação dos pais, relacionamentos difíceis entre os membros da família são alguns dos fatores que mais favorecem os problemas encontrados na escola.

Inicialmente queríamos analisar alguns estágios de desenvolvimento pelos quais passariam as crianças em seu processo de aquisição da escrita. Segundo Luria (1988), esses estágios explicariam a evolução da escrita da criança que culminaria no reconhecimento da função principal desta: servir de objeto para recuperar futuras informações registradas. Essas informações serviriam para esta e para futuras pesquisas. Porém percebemos uma diferença entre os níveis sociais já citados e, os mesmos, não

poderiam deixar de estar nas conclusões deste trabalho. Os ambientes familiares podem ou não favorecer o processo de aprendizagem da escrita, pois pais que não leem costumadamente não expressam um exemplo a ser seguido por seus filhos. Em casas onde as crianças têm acesso ao computador, à leitura de livros e revistas, há uma maior possibilidade de favorecer à aprendizagem da escrita.

Em conclusão, podemos assinalar as crianças que não possuíam habilidades na grafia das palavras, o fazem utilizando símbolos e desenhos. Não podemos afirmar que essas crianças não sabem utilizar as letras, pois o ambiente de pesquisa não nos permite fazer tal afirmação. As crianças podem simplesmente ter ficado inibidas e por isso não realizaram a atividade a contento.

Podemos assinalar, ainda, que embora essas crianças não tenham reconhecimento da funcionalidade da escrita na linguística, para elas essa habilidade tem uma função em si mesma, representar sua forma de expressão. As crianças consideram a escrita importante para o seu dia a dia. Ainda mais as crianças que utilizam de fato a escrita cotidianamente, seja na leitura ou em brincadeiras.

## 6. REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia. TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Medias Sul, 1985.

LURIA, Alexander. R. O Desenvolvimento da Escrita na Criança. In: Vygostky, L. S. Luria, A.R. e Leontev. A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

PIAGET, J. *A epistemologia genética*. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.

VYGOTSKY, L. S. *Penséeet langage*. Paris: Editions Sociales. 1985.